

INFORMAÇÕES GERAIS DO TRABALHO

Título do Trabalho: A investigação da escola como espaço qualificado de tratamento e formativo para o portador do transtorno do espectro autista

Autor (es):

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista. Inclusão. Diversidade escolar.

Campus: Ribeirão das Neves

Área do Conhecimento (CNPq): 7.08.07.05-1

RESUMO

O presente trabalho possui a finalidade de perceber como o discente portador do transtorno de espectro autista (TEA) está vivendo no meio escolar, tendo em vista que estudam integrados à colegas em condições neurológicas consideradas perfeitas. A metodologia utilizada contou com observação participante que norteou a aplicação de entrevistas semiestruturadas. Os resultados mostraram que ações ou objetos que atraem a atenção dos portadores de TEA podem ser o ponto de partida para ações pedagógicas direcionadas que melhorem a qualidade de vida e incluam mais esses estudantes. Conclui-se, portanto, que o ponto de partida para o trabalho pedagógico deve ser o foco de atenção do estudante a ser identificado pelo corpo docente. Conclui-se também ser necessário ampliar a troca de experiências entre os profissionais das instituições de ensino no sentido de se organizar uma metodologia pedagógica para a identificação dos objetos ou ações que despertem a atenção do estudante. É importante estimular ações que fomentem as discussões sobre o tema entre os profissionais de ensino para que possam ser destacados e percebidos cada vez mais os detalhes e procedimentos que ainda necessitam estarem mais nítidos, divulgados e debatidos para o tratamento e formação do portador de TEA.

INTRODUÇÃO:

Condições neurológicas diversas podem afetar a população mundial e definir a relação do estudante com o meio que o circunda, bem como determinar as experiências que vão se consolidando na vida do sujeito. Uma condição neurológica sui generis é conhecida como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa condição é definida pela Organização Mundial de Saúde como

[...] uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. O TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta. Na maioria

dos casos, as condições são aparentes durante os primeiros cinco anos de vida. (OPAS/OMS Brasil, Folha informativa, 2017).

O presente trabalho possui a finalidade de perceber como estas pessoas portadoras de transtorno do espectro autista estão vivendo no meio escolar, tendo em vista que estudam integrados à colegas em condições neurológicas consideradas perfeitas.

Esse Transtorno (TEA) foi escolhido para estudo devido ao grande número de casos diagnosticados, que vem crescendo a cada ano. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde Brasil OPAS/OMS Brasil (2017) “uma em cada 160 crianças tem transtorno do espectro autista (TEA)”. Mediante esses dados, justifica-se este trabalho de investigação e discussão no sentido de responder como a escola tem tratado os estudantes submetidos a esta adversidade neurológica.

Assim sendo, no que tange ao aspecto escolar, é necessário perceber se a inclusão do “autista” está mais focada no âmbito social, ou ela também existe a contento no convívio escolar de uma maneira mais específica.

Para o intuito desse trabalho foi escolhido para pesquisa uma escola em que há um projeto de inclusão reconhecido pela comunidade em relação aos portadores de TEA.

No que se refere a legislação, tem-se que a LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012, batizada de “Lei Berenice dos Santos”, foi criada para assegurar os direitos dos “autistas” como cidadãos especiais, que necessitam ser incluídos na sociedade. A Declaração de Salamanca e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê igualmente a educação para todos, visando às necessidades particulares de cada aluno. Além disso, o texto da LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 Art.53 (I), (Estatuto da Criança e do Adolescente), assegura igualmente a todos os estudantes no sentido de que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

Assim sendo, foi escolhida para a pesquisa pretendida uma escola que é referência de inclusão na região de Belo Horizonte. Esta escola oferece o ensino regular do 7º ano do ensino fundamental ao 9º ano, com um diferencial de possuir uma política de inclusão de alunos especiais.

Dados da ONU indicam ainda que o número de pessoas submetidas ao transtorno do espectro autista vem aumentando a cada ano e instituiu o dia 02 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo. O indicativo de aumento nos casos a cada ano é um fator alarmante, o que justifica e reforça envia esforços para se entender cada vez mais, as circunstâncias existentes envolvendo os portadores de TEA em seu cotidiano escolar, na busca de se aperfeiçoar o processo educativo, tornando-o mais profícuo.

O “autismo” é uma condição complexa que afeta o desenvolvimento e o comportamento neurológico/cognitivo do indivíduo. Esse estado neurológico compromete suas habilidades de comunicação e interação social, com graus variados de severidade de indivíduo para indivíduo. No que tange à causa biológica, Assumpção e Pimentel (2000), afirmam que as causas do autismo são desconhecidas, no entanto, associaram várias doenças neurológicas e/ou genéticas que podem gerar o prognóstico do

autismo. Assim sendo, tem-se uma grande variedade de causas possíveis de estabelecer uma condição de autismo como: problemas cromossômicos, gênicos, metabólicos e mesmo doenças transmitidas/adquiridas durante a gestação, durante ou após o parto. Todas essas situações biológicas podem estar associadas diretamente ao estabelecimento do transtorno do espectro autista. Ainda neste sentido Leboyer menciona que

[...] A lista de situações patológicas é muito extensa e inclui fatores pré, peri e neonatais, infecções virais neonatais, doenças metabólicas, doenças neurológicas e doenças hereditárias. Apesar da ausência aparente de ligação entre elas, um ponto comum às reúne: todas as patologias são suscetíveis de induzir uma disfunção cerebral que interfere no desenvolvimento do sistema nervoso central (LEBOYER,2005,p.60).

Além disso, outros fatores podem influenciar como histórico de autismo na família e a idade dos pais que quanto mais avançada for à época da geração da criança, maior chance de desenvolvimento de autismo nos filhos.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), meninos são de quatro a cinco vezes mais vulneráveis ao autismo do que as meninas, e caso a criança já tenha algum problema de saúde específico, o risco de desenvolvimento da doença é maior.

Ainda não há cura para o autismo, mas existem tratamentos que melhoram as perspectivas das crianças. Se forem aplicados esses tratamentos precocemente, intensivamente e de maneira apropriada, eles podem aumentar os interesses das crianças, as habilidades sociais e comunicativas e reduzir os sintomas da doença. Essas medidas se agregam, dando suporte ao desenvolvimento e aprendizado dos discentes com TEA. Para obter sucesso no tratamento, os especialistas analisam o caso de cada criança em particular para desenvolver um programa de tratamento adequado. Estes programas incluem medicação, fisioterapia, e terapias diversas. Entender os processos educativos desses estudantes podem ajudar no estabelecimento de medidas que vão complementar o tratamento trazendo proporcionando mais qualidade de vida ao indivíduo, sem esquecer o processo formativo intrínseco às ações escolares.

METODOLOGIA:

Para amostragem da pesquisa foi escolhida uma Instituição de Ensino (escola), na qual duas pesquisadoras já foram alunas, o que facilitou o contato e a autorização da direção da escola para que fossem feitos os trabalhos de investigação.

Optou-se, pois, pela observação participante tendo em vista que se trata de uma técnica que coloca o observador inteiramente na investigação, pois, “a observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente pelo pesquisador, sem qualquer intermediação” (GIL, 2008, p. 100).

Além disso,

[...] a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2008, p. 103).

Considerando ainda que a observação participante “permite obter informação sobre um fenômeno ou acontecimento tal qual este se produz” (GÓMEZ, 1996, p. 148) e “requer a implicação do observador no acontecimento ou fenômeno que está observando” (GÓMEZ, 1996, 165) e considerando a importância dessa observação direta do fenômeno optou-se pela utilização dessa técnica de pesquisa.

Buscou-se então com esta atitude de pesquisa identificar elementos relevantes na compreensão das questões que envolvem o tema pesquisado. A esta condição associou-se, como já indicado, o procedimento voltado para a entrevista, na ânsia de se “apreender o significado que os sujeitos (ser humano e não um organismo que responde a um estímulo externo) dão aos elementos do contexto em que participam” (GÓMEZ, 1996, p. 170-171), tendo em vista a “interação entre pessoas que vão gerar uma comunicação de significados” (GÓMEZ, 1996, p. 183).

Desta forma, as observações realizadas permitiram o discernimento necessário, no sentido de se organizar entrevistas, a fim de fossem depurados os dados observados.

Mediante estes procedimentos combinados acredita-se que os dados coletados poderão indicar pistas do caminho a ser delineado e discutido nesse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A guisa de dados parciais, tendo em vista que a pesquisa ainda está em desenvolvimento, passamos à exposição das sensações e dos dados coletados.

Como procedimento inicial de trabalho de pesquisa, escreveu-se de maneira cuidadosa uma carta em nome do IFMG, explicando à direção da escola alvo da investigação, o escopo, os objetivos e características da pesquisa a ser implementada, procedimento que visava também aprovação a ser obtida no Conselho de Ética. Esta carta solicitava, portanto, a anuência da direção para que os trabalhos fossem realizados na escola escolhida. De tal forma que, a anuência da direção pretendida foi obtida e fomos a priori cordialmente recebidas. Entretanto, não se sabe ao certo o porquê, com o passar do tempo a escola como um todo, passou a nos atender de maneira diferente do prometido.

Refletindo acerca dessa condição no andamento da pesquisa acreditamos que um trabalho mais efetivo de aceitação deve ser feito pelas pesquisadoras com o corpo docente. Isto porque a anuência apenas da direção pode distanciar os pesquisadores do “docente chão de escola” e de seu objeto de pesquisa. Percebeu-se também certo receio de exposição dos docentes a críticas. Tudo isso parece determinar alterações na organização do método delineado pelos pesquisadores.

Outra surpresa que tivemos foi que a escola que é considerada referência em inclusão possuía apenas um aluno portador do transtorno autista. Em entrevista com uma docente desse aluno ela afirmou

que “o desenvolvimento do trabalho depende muito do interesse do autista, alguns se interessam por tudo, outros por assuntos específicos e outros por nada”.

Em outra entrevista uma docente deu uma “pista significativa” acerca do melhor caminho a ser almejado ao narrar que “nessa escola no passado, havia um aluno que adorava dinossauros e só se interessava por isso. Por isso, tudo que fazíamos pedagogicamente tinha o dinossauro como sujeito, pois, tínhamos a atenção dele. Tivemos alguns progressos”.

No entanto, quando indagamos acerca dos procedimentos de maneira mais pormenorizada percebemos uma ruptura na entrevista que precisará futuramente ser retomada.

Devida à complexidade do problema pesquisado entendemos que é fundamental o somatório de forças. Os educadores que lidam com os estudantes precisam se sentir seguros em trocar ideias e experiências a fim de que possamos compartilhar experiências e avançar na educação como componente de um tratamento integral do indivíduo submetido ao transtorno do espectro autista. Mesmo porque, sabe-se que “as dificuldades na comunicação ocorrem em graus variados, tanto na habilidade verbal quanto na não-verbal de compartilhar informações com outros” (GADIA, 2004, p.84), o que exige além de criatividade e aperfeiçoamento nas atividades a serem propostas, muita troca de informação no intuito de se perceber as melhores ações a serem aplicadas e estimuladas ao estudante portador de TEA.

CONCLUSÕES:

Os dados coletados, ainda em caráter parcial, parecem sugerir a criação de um conjunto de atividades e protocolos, a fim de configurar a priori os objetos de interesse dos discentes portadores de TEA.

Para tal intento, atividades que envolvem graus variados de dificuldades e recompensas como elogios e concessões devem ser organizadas, bem como registradas a fim de se observar as reações do aluno.

Desta forma, mesmo com a grande variedade de causas e variações na categoria de transtornos do espectro autista, poder-se-á buscar um enfoque escolar mais generalizado que garanta a todos os estudantes uma condição inicial de trabalho mais profícua, ao mesmo tempo em que permitirá ações pedagógicas mais particulares e pontuais para cada aluno.

Mediante esta gama de dados coletados poder-se-á compreender o que agrada e o que desagrada ao discente autista. Esta apuração acerca da atenção do sujeito educacional pode ser fundamental para o desenvolvimento do discente, uma vez, que os dados coletados permitem perceber que, a partir do foco de atenção desse estudante e o que lhe provoca algum tipo de reação e prazer, é possível uma aceitação mais efetiva das atividades a serem propostas para um determinado fim educacional.

Este pode ser o ponto de partida para o trabalho pedagógico que precisa “orbitar” o foco de atenção percebido no estudante possuidor de transtorno do espectro autista (TEA).

Por fim, evidencia-se ainda certo desconforto dos professores no sentido de socializar as ações de trabalho e opiniões a respeito dessa situação peculiar no cotidiano escolar. Tal condição evidenciada

sugere que cursos de formação continuada, bem como o incentivo a debates e trocas de experiências deve ser estimulado pelas autoridades escolares que precisam se consorciar em parceria para enfrentar este grande desafio que é incluir e formar o aluno portador do transtorno do espectro autista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSUMPÇÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. **Ver. Brás. Psiquiar**, 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3795.pdf>. Acesso em: 01/07/2018.

BRASIL. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> . Acesso em: 04 abril 2018

BRASIL. **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 04 de abril 2018.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T.. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10>>. Acesso em: 03 maio 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, G. R.FLORES, J. G. JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la Investigación cualitativa**. Espanha: Algibe, 1996.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. 5ª ed. Campinas, SP, Papyrus, 2005.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE.ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OPAS/OMS Brasil). Folha informativa – Transtornos do espectro autista. Disponível no site:<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5651:folha-informativa-transtornos-do-espectro-autista&Itemid=839>. Acesso em Maio de 2018.